

A falsa virtude

Rubem Azevedo Lima

A temporada de caça aos vices presidenciais aparentemente acabou. Mas, como a lei não previa a hipótese de renúncia de candidatos, ocorrida no caso dos vices de Lula e de Fernando Henrique Cardoso, as consequências de tais fatos devem manter as eleições de outubro em clima de confusão e suspensão.

Se a Justiça acolher — como esperam os especialistas em legislação eleitoral — as substituições de Bisol por Mercadante e de Palmeira por Maciel, qualquer partido poderá recorrer da decisão, na tentativa de deixar incompletas as chapas dos adversários, e, eventualmente, impedir que elas continuem registradas.

Como se o problema dos vices não bastasse, deu-se ainda o desafio feito à Justiça pelo PRN, que, após expulsar o presidencializável que lançara, levou à televisão, em rede nacional, a foto e a voz proibidas do ex-presidente Collor. Por fim, está pendente de decisão judicial o registro da candidatura Quéricia, do PMDB.

Por tudo isso, as eleições de outubro acabaram sendo as mais complicadas que o País já teve, embora com quase um terço do número de candidatos lançados no pleito de 1989. Receia-se, pois, que as baixarias da campanha e as chicanas eleitorais perdurem até as apurações e deixem o Brasil sem saber ao certo, por muitos meses, quem é seu presidente de pleno direito.

Outro fenômeno que impressiona é o radicalismo de denúncias entre ou contra candidatos e as considerações de ordem ideológica, sobre as origens políticas de cada um deles. É como se o País estivesse dividido em direita e esquerda, e só uma ou outra posição assegurasse, forçosamente, a execução de um governo melhor ou pior.

A partir de que ponto, entre os dois extremos do espectro político, direita e esquerda, um homem público é, ou não, virtuoso, no Brasil, e mais ou menos digno do voto? Algum político

de esquerda ou de direita conseguiria, hoje, executar um programa de governo atrelado totalmente às suas opções ideológicas, ignorando os compromissos das complexas coligações que os elegeram ou as realidades do País e do mundo? Quase certamente nenhum realizaria tal milagre.

05 AGO 1994

De mais a mais, vale a pena lembrar: Ulysses Guimarães emergiu do conservadorismo pessedista e por pouco não se tornou um esquerdista colegial na Constituinte. Teotônio Villela, herói da luta contra os abusos

do regime militar, apoiou o movimento de 1964. Lacerda, comunista na juventude, virou anticomunista e foi um dos cérebros da eclosão de 1964, mas se reconciliou com Juscelino, político de centro-liberal, e Jango, da esquerda reformista, contra a ditadura que ajudara a implantar.

As eleições deste ano acabam sendo as mais complicadas de todas já realizadas no Brasil

O debate em termos exclusivamente ideológicos é compreensível até certo ponto, quando, em função da ideologia, interesses da sociedade e do País ou direitos individuais foram sacrificados. Além desse limite, tal controvérsia serve principalmente para desviar a atenção dos eleitores do debate de programas e idéias a serem executadas pelos candidatos. Outras palavras: é intolerância gratuita, que já se definiu como o maior e o mais perigoso dos vícios, pois tem a aparência de defesa da virtude e por isso engana a todos que se deixam levar.

■ Rubem Azevedo Lima é jornalista